

# Multimodalidade da linguagem e Metáforas Visuais e Verbais

## A multimodalidade no processo metafórico: uma análise da construção das metáforas multimodais\*

Natália Elvira Sperandio\*\*

### Resumo

Presenciamos cada vez mais em nossa sociedade a produção dos denominados textos multimodais. Com isso, diversos campos de pesquisas, que antes tinham como foco apenas a produção verbal, passaram a considerá-la como um dos modos comunicativos, fato que pode ser observado nos estudos dedicados ao processo metafórico. No entanto, o número de literatura que se dedica a abordar a codificação metafórica em outros modos, além do verbal, ainda é muito pequeno. Por outro lado, quando voltamos nosso olhar aos trabalhos sobre metáfora multimodal, como os desenvolvidos por Forceville (2009), nos deparamos com duas questões: 1) o autor analisa apenas os tipos de metáfora verbo-visual e 2) as metáforas multimodais, por ele analisadas, são conceitualizadas como tendo domínios fonte e alvo sendo produzidos por diferentes modos. Diante dessas duas considerações, este trabalho tem como objetivo analisar a produção das metáforas multimodais. Porém, diferentemente de Forceville (2009), procuraremos demonstrar que, além de ser possível outros modos atuarem na construção dessas metáforas, cada um de seus domínios são frutos da sobreposição de diferentes modos.

### Palavras-chave

Multimodalidade; metáfora; metáfora multimodal

### Abstract

Witness increasingly in our society of the production of called multimodal texts. As result, several research fields, which had previously focused only verbal production, began to regard it as one of the communicative modes, which can be observed in studies devoted to the metaphorical process. However, the number of literature that is dedicated to addressing the metaphorical coding in other ways in addition to verbal, is still very small. On the other hand, when we turn our attention to the work on multimodal metaphor, such as those developed by Forceville (2009), we are faced with two issues: 1) the author analyzes only the types of verb-visual metaphor and 2) multimodal metaphors, which he analyzed, are conceptualized as having source and target domains being produced by different modes. Given these two considerations, this work aims to analyze the production of multimodal metaphors. But unlike Forceville (2009), will try to demonstrate that to possible other modes work in the construction of these metaphors, each of your domains are fruits of overlap in different ways.

### Keywords

Multimodality; metaphor; multimodal metaphor

---

\* Artigo de autora convidada para o dossiê.

\*\* Doutora em Linguística Aplicada, Linguagem e Tecnologia, pela Universidade Federal de Minas Gerais.

## 1. Introdução

A cultura ocidental, por muitos anos, teve preferência pela monomodalidade. Até mesmo disciplinas teóricas e críticas, em geral, tornaram-se monomodais, isto é, uma linguagem para falar da língua (Linguística), outra para falar da arte (como a História da Arte), uma para falar da música (Musicologia), e assim por diante. Nesse contexto, a linguagem, falada ou escrita, foi concebida como sendo capaz de sozinha abarcar todo o processo de comunicação, ou seja, de abranger a imensa gama de possibilidades de produção de significados de um texto. Por séculos a escrita teve papel central na comunicação humana. No entanto, como advogam Kress e Van Leeuwen (1996, 2001), essa preferência pela monomodalidade está passando por um processo de reversão. De acordo com os autores, esse processo está ocorrendo não apenas nos meios de comunicação, como em revistas e jornais, mas também nos documentos produzidos por corporações, universidades e departamentos governamentais que têm adquirido ilustrações coloridas, *layouts* e tipografias sofisticados.

Nesta perspectiva, modos semióticos diversos, como, por exemplo, a imagem, o som, as cores; tornam-se partes integrantes da composição e interpretação dos textos. Estes denominados de multimodais. Como afirma Sperandio (2012), diversas áreas de estudos que tinham como foco de trabalho textos exclusivamente verbais, passam, neste novo contexto multimodal, a abordar discursos em que a linguagem é apenas um dos modos comunicativos. Seguindo essa linha de raciocínio, devemos considerar que não seria diferente com os estudos sobre o processo metafórico, pois, como afirma Forceville (2009), a metáfora não deve ser considerada apenas uma questão de linguagem, mas como estrutura de nosso pensamento e ação, sendo assim, podendo ocorrer em outros modos semióticos além do verbal.

No entanto, o que pode ser observado, na vasta literatura dedicada aos estudos da metáfora, é uma análise exaustiva de expressões metafóricas produzidas pelo modo verbal, ou seja, como expressões linguísticas no nível superficial de modelos mentais estruturados metaforicamente. Por outro lado, as análises, como as propostas por Forceville (1996, 2008, 2009), possuem duas questões que necessitam ser observadas: 1) o autor foca apenas na realização de metáforas multimodais do tipo verbo-visual, e 2) seus exames não demonstram a possibilidade de haver articulação entre diferentes modos na produção dos domínios dessas metáforas, ficando preso apenas nas

ocorrências de metáforas multimodais que possuem cada domínio construído por um modo semiótico diferente.

Diante disso, este trabalho buscará compreender a forma pela qual as metáforas multimodais são construídas. Porém, iremos além das análises propostas por Forceville (1996, 2008, 2009), demonstrando que essas metáforas, além de poderem ser produzidas por outros modos, não apenas pelo verbo-visual, também possuem uma construção mais complexa, com a sobreposição desses modos na constituição de cada um de seus domínios.

Iniciamos nossa pesquisa com a apresentação da proposta da multimodalidade. Consideramos pertinente a exposição dessa proposta, pois a partir dela somos capazes de compreender a definição de multimodalidade, como também o que é considerado modo semiótico e a possibilidade da articulação de mais de um modo na construção de textos multimodais. Essa seção terá como base teórica autores considerados precursores do estudo da multimodalidade: Kress e Van Leeuwen.

Em um segundo momento, dedicamo-nos ao estudo da metáfora. Nessa seção procuraremos, com uma sucinta apresentação, discorrer sobre o caminho percorrido pela metáfora, utilizando para isso os postulados de Aristóteles, Lakoff e Johnson (1980, 1999, 2003), Lakoff (1987, 1992, 2008); culminando nos trabalhos de Forceville (1996, 2008, 2009). Assim, faremos um percurso que se inicia nos trabalhos de Aristóteles, passando pela Teoria da Metáfora Conceitual, a Teoria Neural da Metáfora; tendo como ponto final a proposta da metáfora multimodal. No transcorrer dessa seção, tendo como base os trabalhos de Forceville (1996/2008/2009), aplicados a um conjunto de exemplos, demonstramos os quatro subtipos de metáforas por ele preconizados e suas definições de metáforas monomodais e multimodais. Encerramos com quatro exemplos que contemplam a produção da metáfora multimodal como um processo mais complexo do que postulado pelo autor, resultante da sobreposição dos modos verbal, imagético e a cor na construção dos domínios fonte e alvo dessas metáforas.

## **2. A proposta da multimodalidade: definição e pressupostos teóricos**

Kress e Van Leeuwen (1996) argumentam que nas duas últimas décadas tivemos uma transformação abrangente tanto na mídia quanto nos meios de comunicação. Periódicos, que na década de 60, eram impressos em preto e branco, produzidos por caracteres escritos, adquiriram, na década de 90, cores, imagens e, muitos deles, especialmente no

Ocidente, perderam seus caracteres. Assim, nossos textos e discursos passam a ser considerados multimodais.

Mas no que consiste a multimodalidade? Para Kress e Van Leeuwen (2001), a multimodalidade é um campo de estudo que possui interesse em explorar as formas de significações modernas, isso inclui todos os modos semióticos envolvidos no processo de representação e comunicação. Os autores advogam que a linguagem, antes vista como recurso central e único na construção da representação ou comunicação, passa a ser considerada como um dos modos disponíveis, isto é, “na era da multimodalidade outros modos semióticos, além da linguagem, são tratados como capazes de servir a comunicação e a representação” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, p. 46). Para os autores, modos antes colocados à margem, não utilizados, ou, simplesmente, não considerados como modos, como a cor, o som, o gesto; são agora colocados no centro da prática semiótica.

Kress (2010) ressalta que todos os significados que produzimos e encontramos em nossa vida diária são complexos, que os textos falados ou escritos, por meio de gestos, mímicas, ou desenhos; são meios de materializar esses significados complexos. O autor afirma que a multimodalidade nos permite teorizar sobre um processo complexo, que é reunir, organizar, planejar uma pluralidade de signos em diferentes modos, sobre uma configuração particular, para formar uma combinação coerente que tem como resultado processos de planejamento e orquestração. Sendo a orquestração definida por ele como selecionar, projetar os materiais semióticos, que são de interesse do produtor e que darão forma à entidade semiótica do texto.

Podemos concluir que qualquer texto produzido por mais de um modo semiótico é considerado multimodal. Para Kress e Van Leeuwen (1996), questões que devem ser colocadas são: se esses diferentes modos devem ser analisados separadamente ou de forma integrada, se o significado do todo deve ser visto como a soma de suas partes, ou se as partes devem ser vistas como interagindo e afetando uma a outra. Para os autores, quando estamos diante de um texto produzido pelos modos verbal e imagético, por exemplo, não podemos considerar a imagem como mera ilustração do verbal, ou tratar o verbal como mais importante que o visual, ou o verbal e o imagético como elementos totalmente discretos. Esse texto deve ser visto como um texto integrado. A integração desses diferentes modos semióticos é o trabalho de um código abrangente, cujas regras e significados são fornecidos ao texto multimodal com a lógica dessa integração.

Kress e Van Leeuwen (2001) constroem uma Teoria Multimodal da Comunicação. Nessa teoria os pesquisadores apontam que o significado é construído a partir de muitas formas diferentes, sobre diferentes modos e meios os quais são co-presentes no conjunto comunicacional. Essa teoria concentra-se: 1) nos recursos semióticos de comunicação, ou seja, nos modos e nos meios utilizados e 2) nas práticas comunicativas sobre as quais esses recursos são utilizados. Essas práticas incluem as práticas discursivas de produção, interpretação, designer e distribuição. Com isso, os autores propõem que o significado é construído não apenas a partir de uma multiplicidade de recursos semióticos, de uma multiplicidade de modos e meios, mas também em diferentes lugares. O que isso significa é que o significado estará presente em todo lugar, ou seja, desde a fonologia até a gramática/sintaxe. Com as palavras dos autores:

em qualquer modo todos os elementos realizacionais estão disponíveis para a produção de significado e são usados para tal. Do momento em que uma cultura toma a decisão de escolher um material particular para o seu processo comunicativo, esse material torna-se parte dos recursos semiótico e cultural daquela cultura e está disponível para ser usado na produção de signos (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, p. 111).

O que podemos observar, a partir das considerações acima, é que na proposta da multimodalidade diferentes modos são articulados na produção de sentido. No entanto, o que é considerado como modo nessa proposta? Para Kress (2001), o que define se X é um modo ou não vai depender de uma comunidade particular, ou seja, de acordo com o autor, podemos, como leigos, considerar uma imagem visual como um modo, porém um fotógrafo profissional pode dizer que a fotografia possui suas regras, práticas, elementos e materialidades totalmente diferentes de uma pintura, sendo assim dois modos distintos.

Nesse contexto, afirmam Kress e Van Leeuwen (2001), a questão do que será considerado modo é decidido em relação a instâncias específicas, em tempos históricos específicos, para grupos específicos. Os autores consideram que os modos são convencionalizações produzidas a partir de ações culturais e assim abstratas em relação a qualquer ação particular. Portanto, os modos são organizações abstratas de um material específico da semiose de uma cultura, a partir de práticas de produção e de outras tecnologias, reconhecidas como relevantes e significativas naquela cultura. Como afirma Kress (2010), os modos são recursos semióticos modelados social e culturalmente para produção de significado. Como exemplo de alguns modos o autor nos oferece: imagem, escrita, *layout*, música, gesto, fala, cor, imagem em movimento,

trilha sonora e objetos em 3D. Outros exemplos são objetos e fenômenos que são produtos do trabalho social e possuem significados em seus ambientes sociais: mobília, roupa, comida, e assim por diante.

O autor ressalta que diferentes modos nos oferecem diferentes potências para a produção de significado, esses potenciais possuem efeito fundamental sobre as escolhas dos modos em instâncias específicas de comunicação. De acordo com o autor, em uma proposta multimodal para representação, temos a possibilidade de escolha de diferentes modos. Dependendo dos requerimentos retóricos e do meio envolvido, há diferentes possibilidades: podemos produzir o significado, principalmente, através da escrita ou de imagens, imagens em movimento ou a partir de um discurso. Essas escolhas nos revelam que o significado existe apenas quando é materializado, realizado como modo ou conjunto multimodal.

Para Kress e Van Leeuwen (1996), diferentes modos semióticos – visual, verbal, gestual, etc. – possuem potencialidade e limitações. Assim, a representação visual pode ser mais apta, em determinadas situações, do que a representação verbal. O mundo representado nas telas das novas mídias é um mundo construído de forma diferente daquele que é representado nas páginas impressas de uma mídia impressa de trinta ou quarenta anos atrás. Os autores advogam que as sociedades humanas utilizam uma variedade de modos de representação, sendo que cada modo possui, inerentemente, diferentes potenciais representacionais na produção de significado, cada modo possui um valor social específico em determinados contextos e diferentes modos não são mantidos discretamente ou como um recurso comunicacional autônomo.

Finalizamos esta seção com a ressalva de que a comunicação sempre foi multimodal, o que presenciamos, apesar de não ser novo, é uma mudança significativa, pois há a instância de um novo código de texto em que imagem, verbal, sonoro, cor, por exemplo, transmitem a informação desejada. Kress e Van Leeuwen (1996) postulam que a linguagem, falada ou escrita, sempre existiu como um dos modos envolvidos na produção de textos, falados ou escritos. Os autores afirmam que o texto falado não é apenas verbal, mas também visual, porque envolve a expressão facial, o gesto, a postura e outras formas de representação. Da mesma forma que um texto escrito envolve mais do que a linguagem, ele é escrito sobre algum material (papel, madeira, metal, pedra), com alguma coisa, com algum tipo de fonte, influenciado pelo estético, psicológico, pragmático e outras considerações, com *layout* imposto sobre a substância material, sendo sobre a página ou tela de um computador. Portanto, como afirma Kress (2010), a

multimodalidade sempre esteve presente em nosso mundo, na construção do significado.

Com essa sucinta apresentação foi possível compreendermos a definição da multimodalidade e sua aplicabilidade em nossa comunicação. Além disso, observamos o que é conceitualizado como modo semiótico, como também alguns exemplos do que pode ser considerado um modo. Agora podemos prosseguir nosso trabalho, focando em nosso objeto de estudo: a metáfora.

### **3. Metáfora: da proposta conceitual à multimodal**

O estudo dedicado ao processo metafórico não é novo. Sua origem, no ocidente, está relacionada aos trabalhos propostos por Aristóteles. O filósofo a conceitualizava como “transportar para uma coisa o nome de outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou da espécie de uma para a espécie de outra, ou por analogia” (ARISTÓTELES, 1991, p. 273). É muito comum nos depararmos com a afirmação de que Aristóteles considerava a metáfora um ornamento linguístico, um desvio do discurso, desprovida de valor cognitivo, sendo seu uso restrito aos gênios, como os poetas. No entanto, Mahon (1999) advoga que essas considerações não possuem fundamento, pois Aristóteles reconheceu o valor cognitivo da metáfora ao afirmar que são inteligíveis e dizem verdades sobre o mundo; como também seu valor pedagógico, nos possibilitando compreender coisas previamente não compreendidas, tornando possível novos aprendizados por meio de novas conexões.

Além de Aristóteles, de acordo com Schröder (2008), a pesquisa sobre a metáfora se fazia presente em reflexões filosóficas de pensadores como John Locke, Giambattista Vico, Immanuel Kant, Johann Gottfried Herder, Friedrich Nietzsche, Fritz Mauthner, Ernst Cassirer e Arnold Gehlen.

Progredindo nos estudos da metáfora, temos os trabalhos de Reddy (1979). Ao propor um estudo da comunicação na língua inglesa, o autor reconhece o papel da metáfora em nossa linguagem e pensamento. Por meio de uma análise rigorosa de diversos enunciados, Reddy (1979) investiga o problema da comunicação na língua inglesa. Propondo a metáfora do canal, o pesquisador revela que a linguagem é concebida como um “canal” que transfere, corporeamente, os pensamentos de uma pessoa para outra, como se as pessoas inserissem seus pensamentos e sentimentos nas palavras, que, por sua vez, seriam conduzidas de uma pessoa para outra que, ao ouvir ou ler, extrairiam esses pensamentos e sentimentos novamente. A metáfora do canal está na

base da concepção da linguagem como transmissão, na qual se fundamenta a crença de que a comunicação é concebida como um “tête-à-tête” ideal:

segundo a qual as pessoas pensam e interagem, sem ter consciência dela, ou seja, ela constrói um quadro ilusório da comunicação e nós nos comunicamos regidos pela crença de que o fazemos de forma unívoca e transparente e não de que estamos construindo o sentido com base em nossas experiências e conhecimento de mundo. (REDDY apud ZANOTTO, 2002, p. 16).

De acordo com Grady (1998) nessa proposta temos a associação cognitiva entre comunicação e processos de envio e recepção, sendo de fundamental importância no desenvolvimento da Teoria da Metáfora Conceitual, pois a metáfora do canal é um exemplo proeminente que apresenta características da metáfora conceitual.

#### Teoria da Metáfora Conceitual

Tendo como base o trabalho de Reddy (1979), Lakoff e Johnson publicaram em 1980 o livro *Metaphor we live by*. Nessa obra a metáfora é vista como onipresente em nosso pensamento e linguagem, associada ao nosso cotidiano, linguagem, pensamento e ação. Porém, devemos ressaltar que, como propõe Schröder (2008), essa obra, apesar de ser considerada inovadora, traz considerações que já se faziam presentes em trabalhos de filósofos como Immanuel Kant, Friedrich Nietzsche, dentre outros. Para a autora, a novidade consiste na abordagem da predominância metafórica na vida cotidiana. De acordo com Kövecses (2002), nessa obra temos uma teoria testada empiricamente e generalizada.

A partir desse estudo, a compreensão de mundo passa a ser vinculada a concepção da metáfora, uma vez que grande parte de conceitos básicos, como tempo, quantidade, estado, ação etc; além dos conceitos emocionais, como raiva e amor, são compreendidos metaforicamente. Isso evidencia o importante papel da metáfora na compreensão do mundo, cultura e de nós mesmos.

A metáfora passa a fazer parte do cotidiano das pessoas não apenas na linguagem, mas também nas ações e no pensamento na medida em que todo sistema conceptual ordinário, através do qual pensamos e agimos, passa a ser concebido como predominantemente metafórico por natureza. Como o próprio título em inglês demonstra, são as “metáforas que nos guiam”, deixando claro que, como enfatiza Sardinha (2007):

[...] vivemos de acordo com as metáforas que existem na nossa cultura; praticamente não temos escolhas: se quisermos fazer parte da sociedade, interagir, ser entendidos, entender o mundo etc., precisamos obedecer, (*live by*) às metáforas que nossa cultura nos coloca à disposição. (SARDINHA, 2007, p. 30)

Lakoff e Johnson (1980) consideram a metáfora uma forma de compreender e experienciar uma coisa em termos de outra. Para os pesquisadores, há um mapeamento sistemático entre dois domínios conceituais distintos: domínio-fonte, visto como fonte de inferência, e o domínio-alvo, ambiente em que essas inferências serão aplicadas. Como ilustração temos a metáfora TEMPO É DINHEIRO. A partir dessa metáfora compreendemos o domínio-alvo, tempo, com base no conhecimento organizado de forma sistemática do domínio-fonte, dinheiro. Por causa dessa sistematicidade que somos capazes de compreender o aspecto de um conceito em termos de outro, tornando ocultos os outros aspectos. Diante disso, nos conceitos metafóricos temos a compreensão parcial do fato abordado. Como observa Kövecses (2002), na metáfora conceitual temos um conjunto de mapeamentos entre domínios fonte e alvo, sendo esse mapeamento parcial. Portanto, a metáfora conceitual é chamada dessa forma por conceituar algo que, nesse caso específico, é o tempo. Os autores representam as metáforas conceituais por meio de um mapeamento estruturado sistematicamente, destacando-as, em letra maiúscula: DOMÍNIO-ALVO É DOMÍNIO-FONTE.

Lakoff (1992) reafirma, na Teoria Contemporânea da Metáfora, que as metáforas fazem parte de nosso cotidiano, ao propor que o mapeamento metafórico é convencional, ou seja, é uma parte fixa de nosso sistema conceitual. O autor ressalta que “se as metáforas fossem apenas questões linguísticas, deveríamos esperar que tivéssemos diferentes expressões linguísticas para diferentes metáforas”. (LAKOFF, 1992, p. 6)

A existência desse sistema conceitual pode ser evidenciada através de cinco generalizações: i) polissêmicas, ii) padrões inferenciais, iii) expressões metafóricas novas, iv) mudanças linguísticas e v) experimentos psicológicos. A metáfora AMOR É UMA VIAGEM, por exemplo, é um mapeamento conceitual que possui duas dessas generalizações: a polissêmica e a inferencial.

Uma importante distinção, promovida por Lakoff e Johnson (1980), é feita entre metáfora conceitual e metáfora linguística. Enquanto a metáfora conceitual se refere a noções abstratas como (1) DISCUSSÃO É GUERRA e (2) AMOR É UMA VIAGEM, a metáfora linguística remete às expressões linguísticas que representam noções tais como (1) DESTRUÍ SEUS ARGUMENTOS e (2) O NOSSO NAMORO NÃO VAI DAR A LUGAR ALGUM. Lakoff (1992) também ressalta essa distinção na “Teoria da Metáfora Contemporânea”, argumentando que o termo metáfora é utilizado, por teóricos da metáfora contemporânea, com referência ao mapeamento conceitual e à expressão

metafórica para se referir à expressão linguística individual. Segundo Lakoff (1992), a metáfora, como fenômeno, envolve tanto os mapeamentos conceituais, como expressões linguísticas individuais, mas é importante mantê-las distintas, já que o mapeamento é primário e responsável pelas generalizações, que são o principal interesse do autor. Assim, ele reserva o termo “metáfora” para descrever mapeamento conceitual, de forma que as expressões linguísticas seriam secundárias, enquanto o mapeamento seria primário, visto que sanciona o uso da linguagem do DOMÍNIO-FONTE e modelos de inferência para os conceitos do DOMÍNIO-ALVO.

Ao desenvolver sua Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, Lakoff (1987) aborda a metáfora como um dos modelos que atuam na estruturação de nossas experiências. Nesse trabalho, Lakoff (1987) está preocupado em entender como nossa mente constrói categorias que utilizamos no acesso à linguagem. Para o autor, a categorização é possível apenas via um modelo cognitivo idealizado (MCI), responsável pela organização de todo conhecimento. Os modelos cognitivos são considerados idealizados por dois motivos: a) por não se adequarem necessária e perfeitamente ao mundo em decorrência de serem frutos do aparato cognitivo humano e da realidade; o que consta em um modelo cognitivo é determinado pelas necessidades, crenças, valores, etc; e b) pela possibilidade de construção de diferentes modelos para a compreensão de uma determinada situação, sendo que esses modelos podem ser contraditórios entre si.

Feltes (2007), ao explicitar a natureza dos MCIs, propõe que esses modelos também podem, dependendo do contexto que tomam, ser considerados modelos culturais. Sua postulação toma como base o fato de a cognição humana ser “inextricavelmente ligada à experiência corpórea, social, cultural e histórica” (FELTES, 2007, p. 90), fazendo com que as categorias produzidas pelo sistema conceitual humano possam ser simultaneamente cognitivas e culturais. Mas a autora observa que não se podem fazer generalizações, já que existe a tese da universalidade de alguns modelos cognitivos.

Nesse contexto, o modelo metafórico<sup>1</sup> é indiretamente significativo, já que consiste em uma projeção de domínios concretos da experiência para domínios

---

<sup>1</sup> Além desse modelo, o autor propõe a estrutura esquemático-imagética (conceitos apreendidos de forma direta e utilizados, metaforicamente, na construção de modelos mais complexos), estrutura proposicional (também apreendidos de forma direta e constituídos pela propriedade dos elementos e relações obtidas entre elas), metonímico (constroem sentido pelo fato de serem sustentados indiretamente nas experiências concretas. Esses modelos ocorrem em um único domínio conceitual, no qual há dois elementos, A e B, sendo que A pode ser “representado por” B) e o simbólico (diferentemente dos citados acima - que são

abstratos. Esse modelo se caracteriza pela existência de um domínio-fonte A, considerado bem estruturado; de um domínio-alvo B, que precisa ser estruturado para a sua compreensão; do mapeamento responsável pela ligação do domínio-fonte ao domínio-alvo; e do mapeamento ou projeção metafórica, sendo essa naturalmente motivada pela correlação estrutural existente entre esses domínios. Tais modelos são, da mesma forma que os metonímicos, estruturados em termos dos esquemas CONTÊINER e ORIGEM-PERCURSO-META.

Para compreendermos melhor o modelo cognitivo metafórico, tomamos como exemplo a análise promovida por Sperandio (2010). Nesse trabalho é investigada a forma pela qual esse modelo atua no processo de conceitualização. Tendo como corpus duas reportagens sobre o movimento dos trabalhadores sem-terra, são analisadas, por meio da proposta teórica de Lakoff (1987), as metáforas utilizadas pelas reportagens na conceitualização desse movimento. Uma das metáforas analisadas é REFORMA AGRÁRIA É GUERRA. Por meio de expressões metafóricas a pesquisadora advoga que a estruturação desse modelo é feita via o esquema ORIGEM-PERCURSO-META: um AGENTE (ORIGEM) uma AÇÃO (PERCURSO) e um ALVO (META) que pode ser exemplificado da seguinte forma: ORIGEM (SEM-TERRA) – PERCURSO (AÇÃO) – META (DINHEIRO). Nesse caso, temos uma ação dirigida ou a alguém ou a alguma coisa. Podemos afirmar que, além desse esquema sinestésico, o modelo pode incorporar o de CONTATO. Ou seja, como nos referimos a FORÇA FÍSICA, haveria contato. De fato, quando falamos de guerra um dos aspectos mais salientes é o emprego da força física empregada contra alguém, o adversário. Outro modelo que pode ser verificado nessa metáfora é o do MOVIMENTO: como os próprios verbos (marchar, lutar, alistar, treinar e atacar) indicam, para que haja a reforma agrária é preciso que se tenha ação, movimento. A partir disso, podemos produzir como acarretamentos:

REFORMA AGRÁRIA PRECISA DE MOVIMENTO

MOVIMENTO DISPENDE ENERGIA

Assim,

REFORMA AGRÁRIA É MOVIMENTO

REFORMA AGRÁRIA É IR EM DIREÇÃO A UM OBJETIVO (ORIGEM-PERCURSO-META).

Ao reeditarem *Metaphor we live by*, Lakoff e Johnson (2003) colocam a necessidade de uma nova metáfora para a abordagem da metáfora conceitual. Os autores

---

considerados puramente conceituais - são produzidos a partir da associação dos elementos linguísticos com os elementos conceituais em um MCI).

postulam que a primeira metáfora utilizada na conceitualização da metáfora conceitual foi tomada de empréstimo da matemática, fazendo com que essas metáforas fossem abordadas como mapeamentos entre domínios conceituais. No entanto, ao fazerem essa abordagem, a criação de entidades no domínio-alvo foi abandonada, assim é preciso buscar uma metáfora capaz de dar conta do aspecto criativo, adicionando elementos ao domínio. Para isso, os autores elegem a metáfora da projeção, baseada na imagem de um projetor. Com ela temos a pressuposição de que as metáforas adicionam elementos ao domínio-alvo. No entanto, com a metáfora da projeção temos a preservação da estrutura e inferências de imagem-esquemática do domínio-fonte, possibilitando que todos os elementos desse domínio sejam projetados ao domínio-alvo, porém, como sabemos, essa projeção é parcial e não total. Em 1997 a metáfora da projeção foi abandonada, dando lugar a Teoria Neural da Metáfora.

#### Teoria Neural da Metáfora

Considerada a versão atual da Teoria da Metáfora Conceitual, a Teoria Neural foi defendida em 1999 em Lakoff e Johnson e presente desde então nos trabalhos de Lakoff. Lakoff e Johnson (1999) afirmam que é por meio das descobertas promovidas pelas pesquisas de Grady, Narayanan e Bailey que a teoria da metáfora é reformulada. Com a Teoria Neural da Metáfora temos uma nova forma de concebermos o processamento metafórico, sendo esse processamento feito em paralelo, com o significado literal ativando o domínio-fonte e o contexto ativando o domínio-alvo. Assim, ambos os domínios são ativados e processados em conjunto. Para Lakoff (2008), a Teoria Neural da Metáfora nos fornece uma compreensão melhor de como linguagem e pensamento trabalham e, em consequência, o processamento metafórico. A partir disso, podemos perceber que as compreensões das linguagens baseadas em metáforas conceituais não estão tão longe do processamento não metafórico baseado em *frames* normais.

Lakoff (2008) também expõe o que denomina de “sistema de melhor ajuste” (*Best Fit System*). Nesse sistema, temos a pressuposição de que, durante o processo mental, nosso cérebro realiza o máximo possível de integrações neurais e, dentre estas, seleciona as melhores adequações. Nessa hipótese, as metáforas complexas, que resultam da integração de metáforas primárias presentes em nosso sistema conceitual, são compreendidas mais facilmente do que as metáforas conceituais totalmente novas, uma vez que estas últimas envolvem integrações novas e aquelas fazem a conexão de

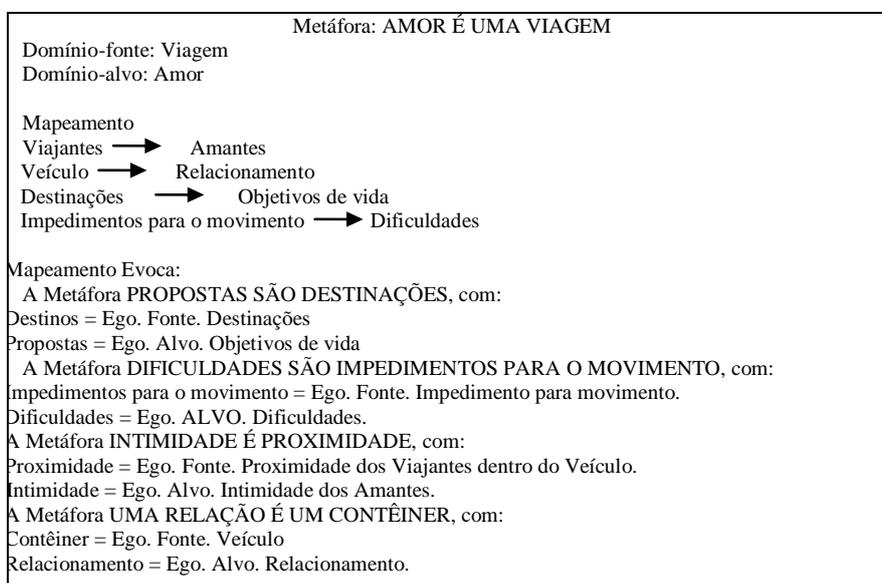
circuitos já estabelecidos. O autor analisa esse raciocínio através da sentença “Meu trabalho é uma prisão”.

- i) A prisão impossibilita a liberdade de movimento de alguém para destinações externas, produzindo, dessa forma, frustração e outras emoções negativas;
- ii) As metáforas ALCANÇAR UMA PROPOSTA É ATINGIR UMA DESTINAÇÃO e AÇÕES SÃO MOVIMENTOS existem em nosso sistema conceitual;
- iii) Vinculando a restrição de liberdade de movimento com a metáfora AÇÕES SÃO MOVIMENTOS, podemos inferir restrição para a liberdade de ação;
- iv) Vinculando impedimentos para alcançar destinações com ALCANÇAR UMA PROPOSTA É ATINGIR UMA DESTINAÇÃO, podemos inferir impedimentos para alcançar propósitos;
- v) Portanto, MEU TRABALHO É UMA PRISÃO permite inferir metaforicamente que meu trabalho restringe minha liberdade de ação para alcançar propostas externas, produzindo, dessa forma, frustração e outras emoções.

Em face desse raciocínio, a TNM oferece uma forma de compreendermos melhor como trabalham pensamento e linguagem e como se adéqua, nessa questão, o pensamento metafórico, modificando a forma pela qual analisamos a metáfora e redefinindo, mesmo que de maneira sutil, sua análise. Lakoff (2008) alega que uma nova notação foi desenvolvida:

nós temos inventado uma notação que correlaciona o circuito com propriedades computacionais apropriadas, mas que podem ser utilizadas por analistas sem que haja a preocupação com os detalhes computacionais (LAKOFF, 2008, p. 36).

Temos, portanto, o modelo de notação seguinte:



Como justificativa para

tal notação, Lakoff expõe a seguinte explicação:

a declaração de que isso é uma metáfora corresponde ao circuito mapeado apropriado. O nome da metáfora corresponde ao “nó” gestáltico apropriado. As setas (→) correspondem às ligações de circuitos. Os sinais de iguais (=) especificam as vinculações neurais. O “evoca” coloca os circuitos de ligação ativando as metáforas componentes com vinculações neurais entre AMOR É UMA VIAGEM (denominado ego sobre formalismo) e as várias metáforas componentes. (LAKOFF, 2008, p. 37).

Até o momento apresentamos propostas teóricas que, apesar de afirmarem a onipresença do processo metafórico em nossas vidas, não apenas na linguagem, mas no pensamento e ação; dedicam-se ao estudo da manifestação verbal desse processo, deixando os diferentes modos semióticos de um texto multimodal à margem. Acreditamos que uma teoria da metáfora que foque apenas nas metáforas construídas verbalmente possui visão parcial do que a constitui. Como coloca Cienke (2008), as palavras são apenas uma das formas pelas quais a metáfora pode ser produzida, dessa forma as expressões metafóricas podem ser encontradas em formas diversas do comportamento humano e não exclusivamente na linguagem.

#### Metáfora Multimodal

Com base na Teoria da Metáfora Conceitual, Forceville (2009) desenvolve a proposta da metáfora multimodal. O autor propõe que Lakoff e Johnson (1980) reivindicam a existência de metáforas detectáveis apenas no plano verbal. Para Forceville (2008) ao adotarmos essa postura somos levados a duas questões perigosas: 1) podemos cair em um círculo vicioso que tem origem em uma análise da linguagem que deduz algo sobre corpo e mente, os quais motivam aspectos da estrutura linguística e comportamento; e 2) o perigo de deixarmos de lado as ocorrências das metáforas não-verbais e multimodais. Para o autor, houve falha na Teoria da Metáfora Conceitual ao ignorar a ocorrência das metáforas em outros modos além do verbal, sendo o estudo dessas ocorrências necessário para o refinamento e teste dessa teoria.

Forceville (1996) promove um trabalho sobre a metáfora visual na publicidade, oferecendo-nos o estudo da metáfora com base em termos de substituição de um elemento visual por outro. Tendo como *corpus* um conjunto de anúncios publicitários e *outdoors*, o autor, com base na teoria da interação da metáfora, de Black (1993), propõe que a identificação de uma metáfora será feita a partir da resposta de três questões cruciais: a) quais são os dois termos de uma metáfora, ou seja, seus domínios fonte e alvo, b) qual desses termos será considerado seu domínio- fonte e domínio-alvo, e c) quais traços são projetados do domínio-fonte ao domínio-alvo. Para Forceville (1996) as respostas dessas questões envolvem vários fatores contextuais.

Nessa pesquisa, o autor nos apresenta quatro subtipos de metáforas visuais. No primeiro subtipo temos a denominada metáfora visual com um termo visualmente presente, nesse caso um dos termos da metáfora não está visível, mas pode ser sugerido pelo contexto visual. Para exemplificar esse subtipo, temos o anúncio publicitário a seguir. Nesse anúncio do Burger King, temos a imagem de uma mão segurando um saco de batatas em um ambiente que nos remete a um estádio, já que no fundo há a imagem de arquibancadas ocupadas por pessoas e refletores. Detendo-nos na imagem da mão e do saco de batatas podemos perceber que a forma pela qual o saco de batatas é representado na imagem nos conduz à tocha olímpica, utilizada na abertura das olimpíadas. Por outro lado, o modo como a mão segura esse saco também nos possibilita produzir essa inferência. Diante disso, produzimos a metáfora SACO DE BATATAS É UMA TOCHA OLÍMPICA. Podemos observar que apenas o domínio-alvo dessa metáfora, saco de batatas, é representado visualmente, sendo o domínio-fonte, tocha olímpica, sugerido pelo contexto visual, neste caso pela imagem da fumaça, do estádio ao redor e pela forma em que o saco de batatas é segurado.

**Figura 1** – Anúncio exemplificando as metáforas visuais com um termo presente visualmente.



Fonte: <http://www.bahianoticias.com.br/noticia/120352>. Acesso: 20 fev. 2014.

No segundo subtipo temos as metáforas com dois termos apresentados visualmente. Nessa metáfora, afirma o autor, partes dos dois termos são representados visualmente, resultando em um fenômeno híbrido, sendo percebido em uma única *gestalt*. No anúncio publicitário a seguir identificamos a presença desse segundo subtipo. No anúncio, que possui como produto a bala halls, a língua é representada como um picolé, havendo a hibridização desses dois elementos. Nesse exemplo, a identificação dos dois elementos da metáfora é feita visualmente: o domínio-fonte picolé - através do palito na ponta da língua que nos remete a esse elemento - e o domínio-alvo língua - pela imagem de uma língua - que produz a metáfora LINGUA É

UM PICOLÉ. A partir dessa metáfora produzimos o sentido de que a bala halls anunciada produz uma sensação tão refrescante quanto um picolé.

**Figura 2** – Anúncio exemplificando as metáforas com dois termos representados visualmente.



Fonte: [http://grupo32012.blogspot.com.br/2012\\_05\\_01\\_archive.html](http://grupo32012.blogspot.com.br/2012_05_01_archive.html). Acesso: 24 fev. 2014.

No terceiro subtipo de metáfora o autor traz a símile visual. Nessa ambos os termos da metáfora são representados em sua totalidade. Como exemplo desse subtipo temos o próximo anúncio publicitário, nesse há a imagem completa dos dois domínios da metáfora construída para a representação do produto anunciado: a imagem dos cavalos e do carro da marca Mitsubishi, nos levando a construir a metáfora CARRO MITSUBISHI É UM CAVALO. Ao recorrer a essa metáfora o anunciante nos transmite a ideia de que seu produto, o carro dessa marca, é tão potente/forte/veloz quanto o animal representado, o cavalo.

**Figura 3** – Anúncio representando o tipo símile visual.



Fonte: <http://entrelinhablog.com.br/a-manipulacao-da-imagem-na-publicidade/>. Acesso: 15 mar. 2014.

O autor finaliza com o subtipo de metáfora verbo-visual. Nesse subtipo um dos termos é representado visualmente e o outro verbalmente. Nessa metáfora a remoção do contexto não afetaria a identificação de seus termos constituintes. Na charge abaixo temos um exemplar desse subtipo proposto pelo autor. Nela podemos identificar a metáfora FMI É PRESENTE DE GREGO, com o domínio-fonte, presente de grego, ativado pelo modo visual (com a imagem do cavalo representando a história de Tróia e a

imagem ao fundo representando a Grécia); e o domínio-alvo, FMI, pelo modo verbal. Com essa metáfora construímos o sentido da charge, ou seja, que FMI, Fundo Monetário Internacional, acabou virando um presente de grego para os trabalhadores da Grécia, já que, com a crise financeira de 2008, o governo grego precisou ser socorrido pelo FMI e com o socorro financeiro veio a necessidade do arrocho salarial e cortes brutais nos gastos públicos.

**Figura 4** – Charge exemplificando a metáfora verbo-visual FMI.



Fonte: Pautaria.

Em um estudo posterior, Forceville (2008) produz algumas modificações nos subtipos de metáforas supracitados. O autor passa a conceitualizar as metáforas de um termo visualmente presente como metáforas contextuais e metáforas com dois termos visualmente presentes de metáforas híbridas. Além dessas modificações uma nova categoria é proposta, as metáforas integradas, sendo essas definidas como um subtipo da metáfora visual, onde um objeto unificado ou uma *gestalt* é apresentado em sua totalidade, capaz de lembrar esse objeto sem que haja pistas contextuais.

**Figura 5** – imagem representando a metáfora integrada.



Fonte: [http://fotoseletras.blogspot.com.br/2008\\_07\\_01\\_archive.html](http://fotoseletras.blogspot.com.br/2008_07_01_archive.html). Acesso: 26 mar. 2014.

Na imagem acima, temos o domínio-alvo, conhecimento (simbolizado pelas imagens dos livros), integralmente representado, e ainda nos remetendo ao domínio-

fonte porta. Assim, o alvo é fisicamente representado e nos remete à fonte, ou seja, a fonte é sugerida pelo contexto pictórico: pelo livros empilhados que tomam a forma de uma porta. Nessa metáfora integrada o conhecimento é conceitualizado como a porta para a sabedoria, porta que nos abre caminhos.

Em seus últimos trabalhos, Forceville (2009) tem abordado as noções de modo, monomodalidade e multimodalidade. Antes de nos atermos às distinções estabelecidas pelo estudioso das metáforas monomodais e multimodais, é necessário compreendermos a noção de modo por ele trabalhada. De acordo com Forceville (2009), essa não é uma tarefa fácil, já que esse conceito é um complexo de vários fatores. A primeira aproximação a ser feita é de considerá-lo um sistema de signos interpretáveis por causa de um processo de percepção específico. A aceitação dessa abordagem relacionaria os modos um a um aos cinco sentidos, fazendo com que tivéssemos a seguinte lista: 1) o modo pictórico ou visual, 2) o modo sonoro, 3) o modo olfativo, 4) o modo gustativo e 5) o modo tátil. Porém, o autor advoga que seria uma categorização bruta, já que, por exemplo, o modo sonoro agruparia a língua falada, música e outros sons não verbais. Diante disso, ele propõe uma lista com nove tipos de modo: 1) signo pictórico, 2) signo escrito, 3) signo falado, 4) gestos, 5) sons, 6) música, 7) cheiro, 8) gosto e 9) toque.

Agora podemos prosseguir com a distinção entre metáforas monomodais e multimodais. As metáforas monomodais são vistas pelo pesquisador como aquelas em que domínio-fonte e domínio-alvo são produzidos exclusivamente por um único modo. A metáfora monomodal prototípica é a amostra verbal. Apresentamos abaixo um exemplo de metáfora monomodal: “O sem-terra padrão que se *alista* nas fileiras do MST é uma pessoa sem perspectiva profissional alguma e sem nenhum instinto missionário”.

A referida sentença, que faz parte da reportagem intitulada “Sem terra e sem lei”, produzida pela revista *Veja*, pode ser considerada expressão metafórica da metáfora REFORMA AGRÁRIA É GUERRA. Nessa metáfora, tanto a fonte, GUERRA, quanto o alvo, REFORMA AGRÁRIA, são produzidos exclusivamente por um único modo, o signo escrito.

Forceville (2009) advoga que um tipo de metáfora que tem despertado um interesse crescente nos estudiosos é a visual. Temos abaixo um exemplo dessa metáfora:

**Figura 6** – Charge da bandeira do Brasil exemplificando a metáfora monomodal.

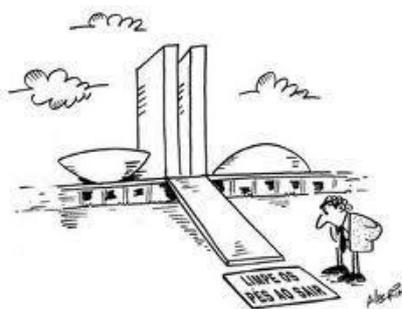


Fonte: Jornal do Commercio.

A charge acima é construída a partir de dois domínios, sendo esses exclusivamente imagéticos: temos o domínio BRASIL, representado pela imagem da bandeira; e o domínio ESGOTO/BUEIRO; representado pelo círculo. Sabemos que os bueiros são valas que escoam as águas das chuvas, assim como o lixo deixado nas ruas das cidades; assim, podemos inferir, a partir da imagem acima, que o Brasil é visto como um bueiro que escoam uma sujeira podre, como a imagem do líquido com moscas demonstra.

Por outro lado, a metáfora multimodal é aquela em que alvo e fonte são representados exclusivamente ou predominantemente sobre diferentes modos. Portanto, para o estudioso as metáforas multimodais são aquelas em que seus domínios são materializados em modos distintos. Um exemplo dessa metáfora é encontrado na charge abaixo, onde há a imagem do congresso ao fundo e a seguinte frase “limpe os pés ao sair”. A partir desses elementos construímos a metáfora multimodal POLÍTICA BRASILEIRA É SUJA, sendo seu domínio-fonte, sujeira, ativado pelo modo verbal; e o domínio-alvo, política, pela imagem do congresso nacional.

**Figura 7** – Charge Senado exemplificando a metáfora multimodal.



Fonte: [www.chargeonline.com.br](http://www.chargeonline.com.br)

Apesar de acreditarmos na pertinência das classificações metafóricas de Forceville (1996/2008/2009), consideramos importante fazermos a seguinte observação:

o autor não explora a possibilidade de outros modos, além do verbal e imagético, atuarem na construção dessas metáforas; como também a sobreposição desses diferentes modos na produção de cada domínio dessa metáfora.

Na propaganda a seguir temos o anúncio de um carro da Ford, o EcoSport. O anunciante recorre aos modos verbal e imagético na construção de seu anúncio, representando o carro como um produto capaz de te levar a lugares até então conhecido apenas por náufragos. A imagem do carro sobre as águas de um oceano em conjunto com a expressão “visite praias que só os náufragos tinham acesso antes”, nos faz inferir que esse produto é conceitualizado a partir do domínio de um outro meio de transporte, nesse caso um barco ou navio. Assim, temos a metáfora multimodal CARRO ECOSPORT É UM BARCO/NAVIO. Cada domínio dessa metáfora é ativado pela articulação dos modos verbal e imagético. O domínio-fonte barco a partir do modo verbal (as palavras praia e náufragos) e o modo imagético (a imagem da praia); enquanto que o domínio-alvo EcoSport é ativado pelo verbal (a palavra Ford e EcoSport) e o imagético (a imagem do produto).

**Figura 8** – Anúncio da Ford exemplificando a metáfora multimodal.



Fonte: <http://mundorealista.com/lifestyle/automoveis/carros/a-moda-dos-suv/>. Acesso: 10 de fev. de 2014.

Outro exemplo da possibilidade de ocorrência desse tipo de metáfora multimodal pode ser visto na capa da revista Veja abaixo. Nessa capa temos a personificação do movimento dos trabalhadores sem-terra, mais conhecido como MST. Através da imagem de um boné vermelho, cor típica do movimento, e da expressão “abrimos o cofre do MST”, somos levados a construir a metáfora multimodal MST É UMA PESSOA. Seu domínio-fonte, pessoa, é produzido pelo modo verbal (com o

enunciado “abrimos o cofre do MST”, já que apenas os seres humanos possuem cofre e dinheiro) e o imagético (a imagem de um boné, peça do vestuário de uma pessoa); e o domínio-alvo MST, com os modos verbal (a palavra MST) e o imagético (a imagem do símbolo do partido no boné). Além desses modos presentes em seu domínio-alvo, acreditamos, com base nos postulados de Kress e Van Leeuwen (1996/2001), que a cor vermelha possa ser vista como um modo, pois, como é de nosso conhecimento, essa cor é um importante símbolo desse movimento. Logo, o domínio-alvo MST é construído pela sobreposição dos modos verbal, imagético e pela cor vermelha.

**Figura 9** – Capa da revista Veja exemplificando a metáfora multimodal



Fonte: Revista Veja, edição 2128, setembro de 2009.

Em nossa terceira análise temos o anúncio publicitário do refrigerante coca-cola. Nesse anúncio existe uma vaca vermelha, com os dizeres “beba Coca-Cola”. Podemos inferir a presença da metáfora multimodal COCA-COLA É LEITE, pois o anunciante recorre à imagem de uma vaca para promover seu produto. Nessa metáfora encontramos os seguintes modos: o domínio-fonte, leite, representado pela imagem de uma vaca sendo ordenhada; e o domínio-alvo, Coca-Cola, pelo verbal (os dizeres “beba Coca-Cola” e Coca-Cola - inscrito nas latas do produto), o visual (as latas de Coca-Cola) e a cor (o vermelho, cor típica das embalagens desse produto). Assim, essa metáfora multimodal é construída pela articulação desses diferentes modos que se fazem presentes na construção de seus domínios. Ao recorrer a essa metáfora o anunciante nos transmite a ideia de seu produto, nesse caso a Coca-Cola, possuir as propriedades do leite, ou seja, ser uma bebida nutritiva, essencial para nossa saúde.

**Figura 10** – Anúncio exemplificando as metáforas multimodais.



Fonte: <http://topicosembiologiaeducacao.blogspot.com.br/2011/05/analise-de-propagandas-da-coca-cola.html>. Acesso: 01 mar. 2014.

Finalizamos nossa análise com mais uma capa da revista *Veja*. Nessa capa temos a imagem de uma mulher pregada em uma estrela vermelha, segurando em uma de suas mãos uma balança e em outra uma espada. Recorrendo aos nossos conhecimentos prévios somos capazes de produzir as seguintes inferências: a moça vestida de branco, com os olhos vendados, segurando uma espada e uma balança; faz referência à deusa Têmis, considerada um dos símbolos da justiça. Por outro lado, a forma pela qual ela é amarrada à estrela nos conduz ao domínio religioso, em especial, à crucificação de Jesus Cristo. Assim, a revista *Veja* recorre ao domínio religioso para construir sua representação de justiça, fazendo-nos considerar a presença da metáfora JUSTIÇA É JESUS CRISTO. Nessa metáfora, o domínio-alvo, justiça, é ativado através do modo imagético – a imagem de uma moça vestida de branco, com os elementos que simbolizam a coragem (espada), o equilíbrio (balança) e a igualdade (venda nos olhos); e pelo modo verbal, a palavra “justiça”. Por outro lado, o domínio-fonte religião é ativado pelo modo imagético, a posição em que essa moça é colocada (semelhante à forma pela qual Jesus Cristo foi crucificado) e a estrela vermelha que nos remete à cruz.

Além dessa metáfora multimodal, podemos identificar nessa capa a presença de uma segunda metáfora: PT É UMA PESSOA. Nessa metáfora temos o domínio-alvo, PT, construído pelos modos visual (a imagem da estrela ao fundo) e pela cor vermelha, que, como já colocamos em análise anterior, é símbolo desse partido. E o domínio-fonte pelo modo verbal (a sentença “ataque à justiça”) que nos faz pressupor que o PT é a pessoa responsável por esse ataque.

**Figura 11** – Capa da Revista *Veja* exemplificando a metáfora multimodal.



Fonte: Revista Veja, edição 2319, Maio de 2013.

#### 4. Considerações finais

Demarcamos como proposta de trabalho analisar a construção das denominadas metáforas multimodais. Nossa finalidade foi apresentar ao leitor, através de um conjunto de exemplos, não apenas a forma pela qual as denominadas metáforas multimodais, estudadas por Forceville (2009), são codificadas; mas também demonstrar que a produção dessas metáforas pode ser mais complexa. Ou seja, buscamos expor a possibilidade de haver sobreposição de diferentes modos na construção dos domínios fonte e alvo dessas metáforas.

Para o cumprimento de nossa proposta iniciamos nosso trabalho com a teoria da multimodalidade. Por meio dessa teoria buscamos definir o termo multimodalidade e alguns de seus pressupostos, em especial o conceito de modo. Julgamos necessária essa apresentação, mesmo que sucinta, pois nosso conjunto de exemplos é composto de charges, anúncios publicitários e capas de revistas multimodais, isto é, são textos que utilizam em sua composição diferentes modos, sendo esses também necessários na sua interpretação.

Em um segundo momento, nos dedicamos ao estudo da metáfora. Nessa seção recorreremos aos principais trabalhos teóricos desse processo. Começamos com a definição de Aristóteles, seguindo com os trabalhos sobre a Teoria da Metáfora Conceitual e sua versão atual, Teoria Neural da Metáfora, culminando nos trabalhos da metáfora multimodal. Nessa seção, nos detemos à pesquisa desenvolvida por Forceville (1996) sobre metáforas visuais. A partir de um conjunto de exemplos, demonstramos os quatro subtipos propostos pelo autor em conjunto com suas definições atuais.

Porém, tentamos avançar um pouco mais, buscando demonstrar que as metáforas multimodais podem ser produzidas por outros modos, além do verbo-visual. Para isso, com base na definição de modo de Kress e Van Leeuwen (1996/2001), apresentamos quatro análises que demonstram essa pressuposição. Em nossas análises verificamos que além dos modos verbal e imagético, a cor também se faz presente na construção de alguns domínios, nesse caso do domínio-alvo das metáforas PT É UMA PESSOA e COCA-COLA É LEITE. Por outro lado, nas quatro análises finais observamos que cada domínio-fonte e domínio-alvo das metáforas multimodais em destaque é construído pela sobreposição de diferentes modos semióticos. Na tabela a seguir expomos essas metáforas, seus domínio-fonte e alvo e os modos semióticos presentes em cada domínio:

Ainda estamos no início de uma longa caminhada, necessitamos de estudos mais

Metáfora multimodal	Domínio-fonte	Domínio-alvo
CARRO ECOSPRORT É UM BARCO/NAVIO	verbal + imagético	verbal + imagético
MST É UMA PESSOA	verbal + imagético	verbal + imagético + cor
COCA-COLA É LEITE	verbal	verbal + imagético + cor
JUSTIÇA É JESUS CRISTO	imagético	Imagético + verbal
PT É UMA PESSOA	verbal	verbal + imagético + cor

aprofundados sobre as metáforas multimodais. Muitos outros modos, como, por exemplo, os gestos, as imagens em movimento, dentre outros, como aqueles citados por Kress e Van Leeuwen (1996/2001), podem atuar na construção dessas metáforas. Como afirma Kress (2011), vivemos em um contexto em que é impossível compreendermos os textos, até mesmo suas partes linguísticas, sem termos uma ideia de como os diferentes modos, presentes em sua composição, articulam-se na produção de seu significado. As metáforas multimodais por nós analisadas podem ser vistas como um instrumento de análise dos textos multimodais, pois, como demonstramos, os modos verbais, imagéticos e a cor estão conectados na produção de sentidos dos exemplos analisados.

## Referências

ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Nova Cultura, 1991. p. 245-285.

- BLACK, M. More about metaphor. In: ORTONY, Andrew (Org.) *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p.19-41.
- CIENKE, A. Why Study metaphor and gesture? In: CIENKE, A; MÜLLER, C. (Ed.) *Metaphor and gesture*. Amsterdam: Benjamins, 2008. p. 05-26
- FELTES, H. P. de M. *Semântica cognitiva: ilhas, pontes e teias*. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.
- FORCEVILLE, C. *Pictorial metaphor in advertising*. USA: Routledge, 1996.
- FORCEVILLE, C. Metaphor in pictures and multimodal representations. In: GIBBS, R. (Ed.). *The Cambridge Handbook of metaphor and thought*. Oxford: University Press, 2008. p. 462-482.
- FORCEVILLE, C. Non-verbal and multimodal metaphor in a cognitivist framework: Agendas for research. In: FORCEVILLE, C.; URIOS-APARISI, E. (Eds.). *Applications of cognitive linguistics: multimodal metaphor*. New York: Mouton de Gruyter, 2009. p. 19-42.
- GRADY, J. The “Conduit Metaphor” revisited: a reassessment of metaphors for communication. In: KOENING, J. P. *Conceptual structure, discourse and language*. Stanford, CA: Center for the study of language and information . 1998. p. 205-218.
- KÖVECSES, Z. *Metaphor: a practical introduction*. Oxford: University Press. 2002.
- KRESS, G. *Multimodal teaching and learning: the rhetorics of the science classroom*. London: Continuum, 2001. p. 42-59
- KRESS, G. *Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication*. London: Routledge, 2010.
- KRESS, Gunther. “Multimodality: challenges to thinking about language”. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3587959>, 17/08/2011. Acesso em: 10 fev. 2013.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. 5. ed. London; New York: Routledge, 1996.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication*. London: Arnold publishers, 2001.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to Western thought*. New York: Basic Books, 1999.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. (Coordenação da tradução: Mara Sophia Zanotto). Campinas, São Paulo: Mercado de Letras; São Paulo: Edpuc, 2002.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.
- LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, G. The Contemporary Theory of Metaphor. In: ORTONY, Andrew (Ed.) *Metaphor and thought*. New York: Cambridge University Press, 1992, p. 01-46.

LAKOFF, G. The Neural Theory of Metaphor. In: GIBBS, R. (Ed.). *The Cambridge Handbook of metaphor and thought*. Oxford: University Press, 2008. p. 17-38.

MAHON, D. Getting your sources right: what Aristotle didn't say. In: CAMERON, L.; LOW, G. (Eds.). *Research and applying metaphor*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 69-80.

REDDY, M. The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language. In: ORTONY, A. (Ed.). *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p. 284-297.

SARDINHA, T. B. *Metáfora*. São Paulo: Parábola, 2007.

SCHRÖDER, U. Antecipações da Metáfora Cotidiana nas concepções de Hans Blumenberg e Harald Weinrich. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 16, p. 39-54, 2008.

SPERANDIO, N. E. O Modelo Cognitivo Idealizado no Processamento Metafórico. São João Del-Rei: UFSJ, 2010. 100p. Dissertação – Programa de Mestrado em Letras, Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei, 2010.

SPERANDIO, N. E. *O verbal e o imagético na construção das metáforas multimodais*. Revista caderno de letras da UFF, v. 44, p. 295-306, 2012.